

## O MARTÍRIO NO SÉCULO XIII: UMA TEMÁTICA MENDICANTE?<sup>1</sup>

Dionathas Moreno Boenavides  
Mestrando em História pela  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
[dionathas.boenavides@ufrgs.br](mailto:dionathas.boenavides@ufrgs.br)

Recebido em: 05/03/2017

Aprovado em: 17/06/2017

### Resumo:

Este trabalho trata da presença do tema do martírio no século XIII em escritos atribuídos a membros de duas ordens religiosas mendicantes: a Ordem dos Irmãos Pregadores (Dominicanos) e a Ordem dos Irmãos Menores (*Minoritas* ou Franciscanos). Geograficamente, nosso recorte é o norte da Península Itálica e a atual França. O principal objetivo é responder à questão: por que se encontra a temática do martírio nesses documentos, tendo em vista que há uma bibliografia que defende que a morte martirológica não era um assunto em voga no século XIII.

**Palavras-chave:** Martírio. Século XIII. Ordens Mendicantes.

### Abstract:

This paper is about the presence of martyrdom in the thirteenth century in texts assigned to two religious mendicant order's members: The Order of Preachers (Dominicans) and The Friars Minor (Franciscans). Geographically, this paper is about the north of Italian Peninsula and what is now France. The main goal is to answer the question: why is the subject of martyrdom in these documents? Such problem is justified by a bibliography that claims that martyrdom wasn't a subject in vogue in the thirteenth century.

**Keywords:** Martyrdom. Thirteenth Century. Mendicants Orders

No princípio eram os mártires. De fato, quanto às relações entre vivos e mortos no cristianismo, a primeira categoria de defunto considerada merecedora de homenagem foi a dos mártires, ainda no século II d.C. Outra característica que pode parecer peculiar para o observador moderno é que esses mártires, cujo culto é de origem africana, eram sepultados fora das cidades, em regiões mais ou menos afastadas (ARIÈS, 2003: 34). Suas tumbas recebiam reuniões anuais no dia em que o defunto havia alcançado a palma do martírio. Tais práticas são registradas, pelo menos, desde o ano 200 d.C (BARTLETT, 2013: 621-622). Com o passar do tempo, entretanto, algumas coisas se alteraram. Se considerarmos o período que costumamos denominar Alta Idade Média, há um movimento de separação entre os defuntos considerados “mortos ordinários” e os santos (IDEM, 2013: 622). Quase concomitantemente a esse processo se dá a “entrada do morto na cidade”, ou seja, os túmulos, anteriormente localizados *extra urbem*, passam a estar *apud ecclesiam* (ARIÈS, 2003: 34-37). Ponto importante para percebermos a peculiaridade dos séculos finais da Idade Média, durante o Alto Medievo os ritos que circundam o trespasse eram predominantemente civis. O papel da Igreja seria limitado ao de garantir a absolvição: do moribundo antes da morte e do defunto *post mortem* (IDEM, 2014: 212).

No século XIII essas questões referentes aos mortos estão, em grande medida, mudadas. Muito disso por causa de um duplo movimento: 1) a instituição eclesiástica investiu em um maior controle das relações entre os vivos e os mortos e 2) as práticas envolvendo essa relação, algumas delas tradicionalmente pertencentes ao meio clerical e monástico, se estenderam ao meio urbano e leigo. Essa extensão, segundo Philippe Ariès, deve muito às ordens mendicantes (IDEM, 2003: 112). A morte torna-se, nas palavras do autor, “clericalizada” (IDEM, 2014: 212).

A intenção da Igreja no sentido de controlar os rituais envolvendo o trespasse se insere em um movimento mais amplo de centralização do poder papal. Outra faceta desse fenômeno está no aumento do controle da Igreja de Roma sobre quem deveria ou não ser considerado santo. Daí surgem os processos de canonização, assim como os metódicos inquéritos para confirmar a suficiência ou não dos milagres de um candidato, sua *fama sanctitatis*, entre outras questões (VAUCHEZ, 1989: 41-52). Esse é um ponto importante para o nosso trabalho, pois é esse aumento do rigor para oficializar a santidade que, a nosso ver, ocasionou o baixo número de mártires canonizados no século XIII. E foi essa falta de oficialização do reconhecimento do mártir enquanto santo, parece-nos, que gerou interpretações como a de Vauchez (VAUCHEZ, 1989b) e de Néri Almeida (ALMEIDA, 2014) quando afirmam que o martírio é uma temática que não pertence ao século em questão.

O século XIII também é marcado pela consolidação de uma mudança importante relativa à geografia do além cristão: é o século do “Triunfo do Purgatório” (LE GOFF, 1995: 283), que, segundo Jacques Le Goff, teve formulações iniciais no século anterior. O Purgatório, local intermediário entre o Paraíso e o Inferno, onde é possível expiar pecados até certo nível de gravidade, desempenhou importante papel nesse vigor controlador da instituição eclesiástica. É o que afirma Jacques Le Goff em uma bela passagem do seu livro sobre esse assunto:

“Até então o poder judiciário espiritual, tribunal da alma, o *foro* estava nitidamente dividido por uma fronteira que passava pela linha da morte. Cá em baixo, no mundo, o homem depende da Igreja, do *foro* eclesiástico; no além, só depende de Deus, do *foro* divino. É certo que a recente legislação

sobre a canonização, sobre a reclamação dos santos, conferia à Igreja poder sobre alguns mortos que ela, logo a seguir à morte, colocava no Paraíso e na fruição da visão beatífica mas, ao fazê-lo, “a Igreja apenas se pronuncia sobre a sorte de um número ínfimo de defuntos”. Mas o ingresso no Purgatório diz respeito, como já vimos, à maioria dos fiéis. Sem dúvida que o novo território não é inteiramente anexado pela Igreja. Na sua condição de intermédio, fica submetido ao *foro* comum de Deus e da Igreja. Poder-se-ia afirmar que, à imagem das cojurisdições que o sistema feudal desenvolveu nessa época, existe *paridade* (co-senhoria em termos de direito feudal) de Deus e da Igreja sobre o Purgatório. Mas como cresceu o poder da Igreja sobre os fiéis! No momento em que o seu poder no mundo é posto em causa simultaneamente pela contestação branda dos convertidos às doçuras do mundo terreno (os *despreocupados*) e pela contestação dura dos hereges, a Igreja prolonga para além da morte o seu poder sobre os fiéis.” (IBIDEM: 294-295)

Eis uma alteração no “além” cujo reflexo é diretamente sentido nas relações entre Igreja e fiéis. Ademais, veremos mais adiante essa contestação “dura” dos hereges que, parece-nos, teve também influência na utilização da temática martirológica pelas ordens mendicantes. Mas antes é necessário que percebamos que se todos esses processos – aumento do controle eclesiástico nas relações entre vivos e mortos, extensão das práticas envolvendo a morte para o mundo leigo, elaboração de um lugar intermediário no além – tem algo em comum, é o fato de que no final das contas querem dizer a mesma coisa: os fiéis devem se preparar para o momento da morte. Talvez mais do que isso: devem se preparar, e só quem pode ajudá-los nisso é a Igreja!

Podemos dizer mesmo que os fiéis acabavam mudando sua atitude com relação ao trespasse em consequência dessa pressão exercida pela Igreja que gerava um “medo do Além” (ARIÈS, 2003: 112). Essa mudança pode ser notada na força que ganhou o testamento no século XIII, por exemplo, e, também o que Lauwers chama de “nascimento dos cemitérios” (LAUWERS, 2015). O testamento funcionava de uma só vez como forma de o cristão melhor se preparar para o momento da sua morte e da Igreja poder se beneficiar a partir das recorrentes doações que esses documentos ofereciam, esperando em troca orações e missas pela alma do testamentário. Mas as formas que os clérigos tinham de controlar esses rituais e incentivar essa preparação eram diversas, como Jean-Claude Schmitt já deixou claro. As ordens mendicantes no entendimento desse historiador tiveram também um papel determinante nesse sentido. A partir dos relatos de aparições fantasmagóricas, documentos privilegiados nesse estudo de Schmitt, ele nota que os pregadores se utilizaram significativamente dos fantasmas para elaborar uma pregação sobre a morte. O objetivo dessa pregação seria o de “lembrar, quando menos se espera, que tudo tem um fim e que é preciso manter-se preparado para morrer” (SCHMITT, 1999: 154). Com isso os mendicantes defendiam que o pensamento pelos mortos não podia ocorrer apenas em momentos específicos destinados a isso. Esse pensamento “deve acompanhar todas as atividades cotidianas das pessoas comuns” (IBIDEM).

Todos esses fenômenos dos quais falamos até aqui, cujas origens, pelo menos da maioria, podem ser rastreadas até o século XII, foram antecipadas e ao mesmo tempo foram responsáveis por desenvolver, nas palavras de Michel Lauwers, “reflexões dos teólogos sobre a penitência interior e a confissão dos pecados, a constituição de uma moral da intenção, a formação de um discurso polêmico contra os ‘heréticos’” (LAUWERS, 2006: 254). Esse discurso polêmico seria referente aos sufrágios pelos mortos, questão desacreditada por alguns grupos não ortodoxos. Ora, com esse

multifacetado processo em mente, defendemos que toda elaboração intelectual sobre a morte que parta de membros da Igreja deve ser olhada com muita atenção. Tendo as ordens mendicantes desempenhado tão importante papel nessa questão, a documentação por elas produzidas parece um foco privilegiado para análise.

### **Conflitos mendicantes e a utilização estratégica da temática martiriológica**

O ambiente universitário era um dos que mais estavam sob influência da jovem Ordem Dominicana que, posteriormente, seria entendida, juntamente com a Ordem dos Frades Menores (“franciscanos”), dentro da categoria de “ordens mendicantes” (THOMPSON, 2011: 3-30). É que esse ambiente universitário servia grandemente aos interesses dos Irmãos Pregadores. Se esses frades entendiam a palavra e a pregação como meio principal de defesa da ortodoxia e de luta contra a heresia, viam na formação universitária um instrumento importante para qualificação dessa palavra (FORTES, 2013). Essa aposta na vida - podemos dizer, erudita - gerou resultados interessantes, pois, seguindo o raciocínio de André Vauchez,

“Em um mundo em que o saber teórico e prático começava a ter um papel importante e onde as universidades logo iriam constituir um terceiro poder ao lado do Sacerdócio e do Império, havia lugar para uma ordem de ‘doutores’, cuja função principal seria “transmitir aos outros as coisas contempladas.” (VAUCHEZ, 1995: 145)

Os Irmãos Pregadores, portanto, possuíam uma configuração que bem respondia às demandas presentes no século XIII, como a luta contra a heresia e o surgimento das corporações universitárias. William Hinnebusch, ao analisar os princípios da Ordem dos Pregadores, afirmou que o seu fundador Domingos executou uma fusão de elementos tradicionais da Igreja, tais como a vida apostólica, a vida dos padres em comunidade, a disciplina regular presente nas ordens monásticas e uma pregação que visava à pobreza. Essa fusão possibilitaria que a ordem pudesse responder às necessidades da época (HINNEBUSCH, 1975, s./p.).

Para compreendermos a presença do martírio em escritos mendicantes, interessa a atuação das ordens em dois processos principalmente: um referente à assim chamada “querela mendicante” e outro que diz respeito à luta contra a heresia.

A primeira das questões refere-se a uma disputa que opôs universitários mendicantes e seculares e se estendeu de 1252 a 1290 em Paris. A acolhida inicial que os frades desfrutaram nas universidades não se estendeu ao longo do século, muito em conta do fato de os frades não se integrarem à corporação universitária, assim como não demonstrarem respeito pela solidariedade interna que era base dessa corporação (VERGER, 1990: 75). Para entender o peso que uma disputa universitária poderia ter na Ordem dos Irmãos Pregadores temos de ter em mente que, juntamente com a pregação, o trabalho inquisitorial, as cruzadas e o serviço pastoral, o ensino se configurava como um dos pilares e funções básicas da Ordem (PRUDLO, 2010: 1275). Assim sendo, quando os mestres seculares exigem que os membros das novas Ordens, os Frades Menores e os Irmãos Pregadores, reduzam seu número de cátedras na universidade parisiense, esses últimos reagem. Paris ainda oferecia uma situação específica onde perder espaço na corporação seria mais grave, porque naquela região

encontrava-se, segundo Carolina Fortes, “o ponto final do sistema educacional dos pregadores” (FORTES, 2012: 141-142). Tal cidade possibilitava a formação de *lectores* que eram, posteriormente, distribuídos nas mais diversas províncias em que a Ordem dos Pregadores se encontrava.

As disputas entre regulares e seculares, por si só, não são fenômenos originários do século XIII, no anterior já ocorriam. Por que elas aparecem de forma agravada no momento em que estoura a querela? Para Reinhold Ullman, são cinco as razões principais:

“1) os dominicanos e os franciscanos arrastavam, após si, a gente pelo exemplo e pelas prédicas; 2) maior espécie causavam os privilégios canônicos que usufruíam no apostolado; 3) os párcos sentiam-se ameaçados de ficarem sem rendas, porque as esmolas, que, antes, os fiéis davam aos vigários, eram agora oferecidas aos frades; 4) os enterros o povo também os confiava aos frades; 5) nem sequer as confissões anuais se faziam com os vigários, conforme prescrição do IV Concílio de Latrão.” (ULMANN, 2000: 222)

Foi muito em função do sentimento de perda de espaço, portanto, que os seculares começaram a reagir. Sem adentrarmos nos pormenores descritivos dessa longa querela, é importante que saibamos que ela foi multifacetada. Se inicialmente foi “universitária e institucional”, logo há uma mutação para uma disputa ideológica que coloca em dúvida a validade de existência das ordens fundadas por Francisco e Domingos (PAUL, 2003: 362-363). Mas nesse ambiente de disputa também ocorrem divergências mais teóricas, como, por exemplo, sobre a unidade ou diversidade do intelecto (WEI, 2012: 161-169; OLIVEIRA, 2012: 21-51).

O que nos interessa particularmente é a faceta ideológica. O expoente mais reconhecido desse movimento foi Guilherme de Saint-Amour, autor de um trabalho intitulado *Tratado dos perigos dos últimos tempos*, já portador de um ataque dogmático contra as duas ordens. A esse ataque os Pregadores e os Menores responderam através de duas importantes figuras: o dominicano Tomás de Aquino, com o seu *Contra os que impugnem o culto de Deus e a religião* e o franciscano Boaventura de Bagnoregio, ao escrever o *Defesa dos pobres*. Mas o estilo de vida mendicante, que bem em verdade nem havia se consolidado realmente em alguns setores da Igreja, encontrava-se certamente em profunda crise. Era necessário, portanto, que os frades se reafirmassem.

O novo vigor que ganha o tema do martírio entre essas ordens, acreditamos, é uma das medidas tomadas visando a reafirmação do seu estilo de vida. Um acontecimento importante: em 1252, no início da querela, foi assassinado por um grupo de hereges o frade Pedro de Verona. Em 1253 Pedro foi canonizado e passou a ser conhecido como Pedro Mártir. É difícil medir a importância dessa canonização para a Ordem dos Irmãos Pregadores. O historiador italiano Luigi Canetti afirma, com efeito, que após a canonização do novo mártir, a Ordem não só demonstrou um esforço novo com relação ao culto deste, mas também intensificou a política de veneração ao santo fundador: Domingos de Gusmão († 1221) (CANETTI, 1996: 165-166). Há, portanto, nesse momento, uma significativa alteração na forma de a Ordem dos Pregadores tratar os seus mortos ilustres, tendo em vista que, inicialmente, eles evitaram o culto do seu próprio fundador em nome da simplicidade (ALVES, 2014: 92).

O que teria ocasionado essa mudança? O contexto da crise causada pela querela “antimendicante” em Paris, acreditamos, foi um dos fatores. Ocorre, portanto, concomitantemente, e com uma causa em comum, uma mudança na política de culto aos mortos ilustres e um trabalho de autoafirmação dos Pregadores.

Uma obra que bem simbolizou esses dois acontecimentos foi a “hagiografia coletiva” *Vitae Fratrum Ordinis Praedicatorum*. Sua elaboração foi encomendada entre os anos de 1255 e 1256 ao dominicano Gerardo de Frachet pelo mestre geral da Ordem Dominicana, Humberto de Romans. O principal objetivo era demonstrar o caráter santo da Ordem. A obra foi aprovada em 1260, quando do final da sua primeira redação (BOUREAU, 2010).

Nas *Vitae Fratrum*, obra utilizada para reafirmação da Ordem dos Pregadores, está presente o tema do martírio. Interessante que, para além do trecho designado a falar especificamente sobre Pedro Mártir e seus milagres, nesse documento encontramos referências a três outros frades dominicanos martirizados antes dele: Guilherme e Bernardo, ambos de Rochefort, e García de Aura. Os três frades teriam recebido o martírio dez anos antes de Pedro, em 1242, quando cumpriam ofício de inquisidores em Avinhão sob nomeação papal (*VITAE FRATRUM*: 715). Lemos na obra, além do relato do martírio dos frades, histórias de milagres ocorridos por intercessão deles, o que acrescenta força ao argumento de que, para além dos santos da Ordem, o tema do martírio serve como artifício de defesa do caráter santo dos Pregadores e da validade do seu estilo de vida. Nessa utilização do tema, sublinhamos, o martírio não é visto como algo do passado, em referência aos cristãos perseguidos pelo Império Romano, mas é tratado como questão presente, atual.

A segunda questão refere-se à luta contra a heresia. O tema é bastante estudado, mas o viés que nos interessa dessa questão é menos usual. Hilário Franco Jr. afirmou que, ao lado das diferenças rituais e ideológicas entre cristãos ortodoxos e hereges, focando nos cátaros, existia uma disputa “mitológica”. É nesse aspecto que se localizam as desavenças acerca das obrigações devidas aos mortos. Hilário Franco Jr. afirma que os cátaros - hereges, aliás, contra os quais a Ordem dos Pregadores mais atuava –, por refutarem a matéria e crer no corpo como criação diabólica, não aceitavam a ressurreição dos corpos. Uma consequência disso, evidentemente, é a negação do trabalho da Igreja Romana no sentido de preparar *ante e post mortem* os fiéis para o mundo do além. Negava-se a eficácia da inumação (FRANCO JR, 2010: 14).

Foi por essas discordâncias não se limitarem aos cátaros que se formou, entre os séculos XI e XII, uma tradição de textos de polemistas cristãos ortodoxos contra as heresias que defendiam opiniões semelhantes às supracitadas. Michael Lauwers salienta que a negação por parte dos hereges da validade dos sufrágios dos vivos pelos mortos tem de ser vinculada a algumas outras críticas heréticas importantes. Sendo assim, além de negar que as ações dos vivos influenciavam a realidade dos mortos, os hereges negavam também a eficácia do díizimo, das oferendas, das esmolas, dos lugares sagrados como a igreja e o cemitério, assim como desacreditavam o casamento, o batismo e o purgatório. Por último, importante ressaltarmos, a recusa do funcionamento dos sufrágios dos vivos pelos mortos encontrava um equivalente na ideia de os mortos não poderem agir em benefício dos vivos. Negavam a intercessão dos santos (LAUWERS, 2009).

A temática martiriológica, em um momento de dúvida quanto à intervenção dos santos, cumpre um papel evidente se pensarmos no apelo “popular” do tema. André

Vaucher já demonstrou como para algumas camadas da sociedade nos séculos finais da Idade Média, “*essere martire ed essere santo era la stessa cosa*”, ou ainda mais fortemente, “*no c'erano altri santi se non quelli che erano periti di morte violenta per una causa giusta*” (VAUCHEZ, 1989: 101). Em um momento em que os Dominicanos se esforçavam para revigorar o culto aos seus mortos, a negação da intervenção dos santos acarretava em problemas. Parece-nos, nesse sentido, que o tema da morte martirológica serviu aos propósitos dominicanos ao possibilitar que se defendesse, a um só tempo, a homenagem aos defuntos e a intervenção dos santos, a partir, principalmente de hagiografias de martirizados, como Pedro de Verona. Tomás de Aquino chega a defender, na *Suma Teológica*, que o martírio era “o mais perfeito dos atos humanos, enquanto sinal do mais alto grau de amor” (*SUMA TEOIÓGICA*, II-II, Q. 3, sol.).

### **Outras recorrências da temática do martírio em textos franciscanos e dominicanos**

É importante salientarmos que por mais que o nosso objetivo seja analisar a utilização do tema do martírio nas produções intelectuais mendicantes, há a possibilidade de olhar para o fenômeno do martírio a partir dos casos de pessoas que morreram e foram considerados mártires no século XIII. Ora, se é possível dizer que a utilização desse tema em uma hagiografia objetivava fazer referência ao passado e sentido a camadas populares, essa defesa se esvai no caso dos frades entendidos como mártires pelas suas ordens ou círculos sociais quaisquer. Segundo Isabelle Heullant-Donat, entre os séculos XIII e XIV houve “*approximately thirty cases of martyrdom across a vast territory ranging from the western Mediterranean (North Africa and Spain) to India, by way of the Holy Land and Central Asia*” (HEULLANT-DONAT, 2012: 431). Esses números são certamente expressivos.

O primeiro caso de martírio cristão no século XIII que conseguimos identificar data do ano de 1208. Um legado papal, chamado Pedro de Castelneau, foi morto por Albigenses na região do Languedoc. O seu assassinato é considerado um dos estopins para o episódio conhecido como Cruzada Albigense. Pedro, nunca canonizado, é chamado de mártir por Inocêncio III, papa na época, em quatro diferentes cartas (PRUDLO, 2008: 119-126).

Em 1220, seis frades franciscanos receberam a palma do martírio no Marrocos. Bernardo, Vital, Pedro diácono, Otão, Adjuto e Acúcio foram, a mando de Francisco de Assis, para a Península Ibérica, em 1219. Dirigindo-se a Sevilha com intuito de pregar em uma mesquita, foram barrados por um grupo muçulmano. Enviados para o Marrocos para serem julgados, teriam recebido a oferta de pararem de pregar o cristianismo em terras sob domínio do Islã ou voltarem para a Europa. Ao negarem as duas ofertas foram decapitados, ao que tudo indica, no dia 16 de janeiro de 1220. Conhecidos como os Mártires do Marrocos, desde o século XIII são venerados em Portugal (RYAN, 2004: 8-9; PACHECO, 2009). Christopher MacEvitt entende como pertencente ao mesmo contexto dos Mártires do Marrocos outros casos de martírios franciscanos. No ano de 1227, sete frades menores foram mortos também em Marrocos. Em 1231 dois outros minoritas foram decapitados em Valência (domínio muçulmano no período) (MACEVITT, 2011: 11).

Já nos referimos anteriormente aos mártires dominicanos mortos em Avinhão em 1242. Cabe ressaltar que além deles, sofreram o martírio naquela ocasião, segundo Gerardo de Frachet, os franciscanos Estevão e Ramon Carbonerio, entre outros não mendicantes (*VITAE FRATRUM*: 715). Peculiar situação de martírio simultâneo de membros das duas principais novas ordens do século XIII. Esse episódio foi bastante significativo, pelo menos para a Ordem dos Pregadores. Donald Prudlo chega a afirmar que naquele momento, os dominicanos mortos não receberam a importância merecida por se tratar de um período de *interregnum* papal, não por insuficiência de qualidades por parte dos frades. (PRUDLO, 2008: 119-126)

O que pretendemos ter deixado claro ao nos referirmos a esses mártires do século XIII é que exemplos deles não faltam. Por haver um número significativamente maior de estudos sobre mártires franciscanos, sobretudo no que diz respeito ao contexto das ações missionárias da Ordem dos Frades Menores para terras muçulmanas, muitas vezes temos de nos contentar com curtas passagens sobre martirizados dominicanos, frequentemente sem referência a documentação ou bibliografia auxiliar. Isso só nos faz crer que muitos outros casos viriam à superfície se desconstruíssemos a visão de que o martírio não é assunto considerado “do momento” no século XIII.

Vejamos, portanto, como o assunto aparece em outros documentos desse período.

Um primeiro ponto importante diz respeito à ideia de utilizar o tema do martírio enquanto incentivo à pregação em territórios em que a heresia tinha força. Tanto a Ordem dos Irmãos Pregadores quanto a dos Frades Menores enviavam pregadores para regiões que podemos considerar “inóspitas” para os ortodoxos. Foi como consequência de ter ido pregar em Milão, cidade onde o catarismo tinha um número significativo de adeptos, que Pedro de Verona recebeu o martírio. Jacopo de Varazze cita um trecho da bula de canonização de Pedro para descrever o episódio. Nessa bula, o papa Inocêncio IV escreveu que

“Pietro si dirigeva dalla città di Como, dove era priore dei frati del suo ordine che avevano sede, a Milano, dove avrebbe condotto l’inchiesta contro gli eretici secondo gli ordini della sede apostolica. Uno dei seguaci degli eretici, convinto dalle loro parole e dal loro denaro, lo assalì per ucciderlo mentre era in cammino per adempiere al suo salutare propósito: come il lupo contro l’agnello, il violento contro il mite, l’empio contro il devoto, il prepotente contro il mansueto, il rabbioso contro il docile, il profano contro il santo osa l’ingiuria, mette in atto l’agressione, minaccia la morte; poi, gettandosi contro il suo sacro capo, lo percosse selvaggiamente e lo ferì; e quando la sua spada fu sazia del sangue di quel giusto abbandonò morto quell’uomo [...]” (*LEGENDA AUREA*: 439)

Essa passagem evidencia que a atividade de pregação nas regiões não cristãs ortodoxas podia acarretar em alguns riscos. Parece-nos que para esses frades a questão do perigo de ir para esses locais era latente.

Na Primeira Regra da Ordem dos Frades Menores, o fundador Francisco de Assis escreveu um incentivo que vai nessa direção:

“Todos os irmãos, onde quer que estiverem, lembrem-se que a si mesmos se deram e entregaram seus corpos a nosso Senhor Jesus Cristo, e que por seu amor se devem expor aos inimigos visíveis e invisíveis, porque

diz o Senhor: Quem perder a sua vida por causa de mim, salvá-la-á para a vida eterna (Lc 9, 24; Mt 25, 46). Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque é deles o Reino dos Céus (Mt 5, 10). Se me perseguiram a mim, também a vós vos vão perseguir (Jo 15, 20). “(ESCRITOS DE SÃO FRANCISCO: 134)

Logo em seguida, Francisco, novamente utilizando a Escritura, promete: “regozijai-vos então e exultai, porque será grande nos céus a vossa recompensa (Mt 5, 11; Lc 6, 22-23)” (IBIDEM). É significativo que esse “incentivo” ao martírio está fortemente presente em Tomás também. O *magister* dominicano afirma na *Suma Teológica*, em um questionamento sobre se o martírio era um ato de fortaleza, que “É evidente que no martírio o homem fica solidamente confirmado no bem da virtude, quando não abandona a fé nem a justiça por causa dos perigos mortais que o ameaçam, por parte dos perseguidores, numa sorte de combate singular.” (*SUMA TEOLÓGICA*, II-II, Q. 124, a. 2, sol.)

Interessante também é o tema do desejo do martírio, recorrente nos relatos sobre frades mendicantes. Tomás de Celano, o primeiro dos hagiógrafos de Francisco de Assis, elaborou um capítulo inteiro na *Vita Prima* para falar sobre esse desejo de Francisco. Segundo Tomás de Celano, foi por ter essa vontade de sofrer o martírio que Francisco efetuou sua jornada para a Espanha e para a Síria. Deus, entretanto, teria planos diferentes para ele (*THE LIFE OF SAINT FRANCIS*: 229).

Em relatos sobre a vida de Domingos essa temática também está presente. Jordão da Saxônia e Jacopo de Varazze adicionaram uma passagem nesse sentido em seus trabalhos. Por serem praticamente iguais, vejamos como Jordão da Saxônia, sucessor de Domingos como Mestre Geral da ordem, tratou da questão, já que escreveu antes de Jacopo e foi provavelmente a partir de seus escritos que este último adicionou a passagem na *Legenda aurea*. Jordão da Saxônia relata, no *Libellus de principiis Ordinis Praedicatorum*, as atividades de Domingos em terras albigenses, no contexto da cruzada. Em certa ocasião o teriam ameaçado de morte, ao que ele teria respondido: “*No soy digno de la gloria del martirio; aun no he merecido esta muerte*” (*ORÍGENES DE LA ORDEN DE PREDICADORES*: 177). Os hereges, ao perceberem que Domingos não temia a morte, porque este andava cantando alegremente em regiões onde sabia que haveriam armadilhas para ele, teriam perguntado o que ele faria caso fosse preso por eles. A resposta:

“Os rogaría que no me mataseis de prisa con rápidos golpes, sino que prolongaseis mi martirio cortando sucesivamente los miembros, y, después de poner a mi vista las partículas cortadas, me arrancaseis los ojos y abandonaseis así mi tronco bañado en su sangre, acabando con todo para que el martirio prolongado me alcanzase mayor corona.” (IBIDEM)

Nessa passagem vemos uma ideia de que o maior merecimento da coroa do martírio derivaria da maior violência com que ocorreria a morte do mártir. Nesse caso também, assim como Francisco quando desejava a morte martirológica, Domingos não a alcançou.

Não devemos ter a impressão de que o tema do desejo de martírio limita-se aos fundadores. Na *Legenda assidua*, hagiografia anônima sobre Antônio de Pádua, o hagiógrafo afirma que a intenção de Antônio em ir para o Marrocos deveu em muito à

sua “sede de martírio”. Uma doença, entretanto, teria atrapalhado seus planos (*LEGENDA ASSÍDUA*: 39-40). Nos ativemos aqui ao tema do desejo do martírio em frades que não o alcançaram de fato. Se buscarmos essa temática, por exemplo, nos escritos sobre Pedro Mártir, os exemplos seriam infundáveis.

Não nos importa, nessa documentação citada, saber se essas pessoas “realmente” desejavam sofrer o martírio. O que está no centro da questão é a mensagem que esses documentos transmitem. Uma mensagem para ser passada adiante depende de uma série de componentes: emissor, mensagem, receptor, meio físico, receptor. Os emissores devem decodificar a mensagem de uma forma que ela seja interpretável pelos destinatários (MESQUITA e TUPY, 2010: 122-123). Se concordamos que essas mensagens sobre o desejo do martírio foram passadas adiante de forma bem sucedida, como o processo de monumentalização desses documentos indica, nos parece que esse tema era algo que fazia sentido para os receptores do século XIII. Ademais, dada a recorrência com que o martírio aparece nos escritos franciscanos e dominicanos, acreditamos ser possível afirmar que esse estilo de morte configurou-se, no século XIII, como uma temática mendicante.

## REFERÊNCIAS

### Documentação

- FRANCISCO DE ASSIS. *Escritos de S. Francisco*. Introdução de Frei David de Azevedo, OFM. Tradução de Frei Armando Mota, OFM, s/d.
- GERARDO DE FRACHET. *Vitae Fratrum Ordinis Praedicatorum*. Apud: Santo Domingo De Guzmán Visto Por Sus Contemporáneos. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P. Introducción General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII.
- IACOPO DA VARAZZE. *Legenda aurea*. Ed. G. P. Maggioni. Firenze: Galuzzo, 1998.
- JORDÁN LE SAJONIA. *Orígenes de la orden de predicadores*. Apud: Santo Domingo De Guzmán Visto Por Sus Contemporáneos. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P. Introducción General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII.
- LEGENDA ASSÍDUA (Anônima). In: FONTES FRANCISCANAS – III. Introdução: Frei Henrique Pinto Rema, OFM. Tradução: Frei Manuel Luís Marques, OFM, s/d.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Direção de Pe. Gabriel C. Galache e Pe. Fidel García Rodríguez. Coordenação Geral de Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira, O. P. São Paulo: Loyola, 2001-2006, Tomo I-IX.
- TOMÁS DE CELANO. *The life of Saint Francis*. Disponível em: <http://franciscantradition.org:8080/FAED/index.jsp?p=229&workNum=34>. Consultado em: 15 abr. 2015.

## Bibliografia

- ALMEIDA, Néri de Barros. Intenção do autor e cultura folclórica: o martírio na *Legenda aurea*. In: TEIXEIRA, Igor Salomão (org.). *História e Historiografia sobre a Hagiografia Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2014, pp. 14–29.
- ALVES, A. A. A morte e os mortos em *Vitae Fratrum* de Gerardo de Frachet (1256-1260). *Revista Signum*, 2014, vol. 15, n. 1, pp. 84-108, p. 92 (nota 35). Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistasignum/index.php/revistasignumn11/article/view/132/125> . Consultado em: 17 set. 2014.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.
- BARTLETT, Robert. *Why can the dead do such great things? Saints and Worshipers from Martyrs to Reformation*. New Jersey: Princeton University Press, 2013.
- BOUREAU, Alain. No coração da Idade Média: os dominicanos e a maestria narrativa. *Revista de História Comparada*. v. 4, n. 1, 2010, pp. 141-168. Disponível em: <http://revistas.ufjf.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/90/84> . Consultado em: 29 mai. 2013.
- CANETTI, Luigi. *Da san Domenico alle Vitae Fratrum. Pubblicistica agiografica ed ecclesiologia nell'ordo Praedicatorum alla metà del XIII secolo*. In: *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Moyen Age, Temps modernes*. 1996, pp. 165-219, pp. 165-166. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/mefr\\_1123-9883\\_1996\\_num\\_108\\_1\\_3482](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/mefr_1123-9883_1996_num_108_1_3482) . Consultado em: 25 mar. 2015.
- FORTES, C. C. A querela contra os mendicantes e os estudos na Ordem dos Pregadores (1250-1260). In: MATTOS, Carlina; CRUXEN, Edison; TEIXEIRA, Igor. (orgs.). *Reflexões sobre o Medieval II: práticas e saberes do Ocidente Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2012, pp. 131-142, pp. 141-142.
- \_\_\_\_\_. *Societas Studii: a construção da identidade institucional e os estudos entre os frades pregadores no século XIII*. Tese (Doutorado), 391 f., UFF/ICHF, 2011. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1344.pdf> . Consultado em: 28 abr. 2013.
- FRANCO JR., Hilário. Catolicismo e catarismo, um choque entre mitologias. *Cadernos de História*, v. 11, n. 14, 2010, pp. 9-28, p. 14. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2010v11n14p9/2418> . Consultado em: 2 dez. 2014.
- HEULLANT-DONAT, Isabelle. Martyrdom and identity in the Franciscan Order (thirteenth and fourteenth centuries). *Franciscan Studies*, v. 70, 2012, pp. 429-453.
- HINNEBUSCH, William, O.P. *The Dominicans: a short history*. New York: Alba House/Society St. Paul, 1975, s./p. Disponível em: <http://www.opne.org/Library/THE%20DOMINICANS%20A%20Short%20History%20-%20Hinnebush.pdf> . Consultado em: 22 fev. 2015.
- LAUWERS, Michel. “Morte e mortos”. In: LE GOFF, J. & Schmitt, J.-C. (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006, pp. 243-261.

- \_\_\_\_\_. *O nascimento do cemitério*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- \_\_\_\_\_. “Os sufrágios dos vivos beneficiam os mortos?”: história de um tema polêmico (séculos XI-XII). In: ZERNER, Monique (org.). *Inventar a heresia?: Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, pp. 163-200.
- LE GOFF, Jacques. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- MACEVITT, Christopher. Martyrdom and muslim world through franciscan eyes. *The Catholic Historical Review*, v. 97, n. 1, 2011, pp. 1-23.
- MESQUITA, E. de S. e TUPY, I. A leitura crítica do documento. In: Idem. *História & Documento e metodologia de pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, pp. 117-141.
- OLIVEIRA, T. *Ensino e debate na Universidade parisiense do século XIII: Tomás de Aquino e Boaventura de Bagnoregio (Textos)*. Maringá: Eduem, 2012.
- PACHECO, M. P. D. Os proto-mártires de Marrocos da Ordem São Francisco. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, n. 15, 2009, pp. 85-108. Disponível em: [http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/4219/os\\_proto\\_martires\\_de\\_marrocos\\_da\\_ordem\\_de\\_sao\\_francisco.pdf?sequence=1](http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/4219/os_proto_martires_de_marrocos_da_ordem_de_sao_francisco.pdf?sequence=1). Consultado em: 20 mai. 2015.
- PAUL, Jacques. *Historia Intelectual del Occidente Medieval*. Madri: Cátedra, 2003.
- PRUDLO, Donald. *The Friars Preachers: The First Hundred Years of the Dominican Order*. *History Compass* 8/11, 2010, pp. 1275-1290.
- \_\_\_\_\_. *The martyred inquisitor: the life and cult of Peter of Verona (†1252)*. Ashgate USA, 2008.
- RYAN, James D. Missionary saints of the high Middle Ages: martyrdom, popular veneration, and canonization. *The Catholic Historical Review*, v. 90, n. 1, 2004, pp. 1-28.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- THOMPSON, Augustine, O. P. The origins of religious mendicancy in medieval Europe. In:
- PRUDLO, Donald S. (Ed.). *The origin, development, and refinement of medieval religious mendicancies*. Boston: Brill, 2011, pp. 3-30.
- ULMANN, R. A. *A universidade medieval*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- \_\_\_\_\_. *La santità nel medioevo*. Bolonha: Il Mulino, 1989.
- \_\_\_\_\_. “O Santo”. In: LE GOFF, Jacques (dir.). *O Homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 211-230.
- VERGER, Jacques. *As universidades na Idade Média*. São Paulo: Editora UNESP, 1990.
- WEI, Ian. P. *Intellectual Culture in Medieval Paris: theologians and the University, c. 1100-1330*. New York: Cambridge University Press, 2012.

<sup>1</sup> Texto extraído do segundo capítulo da monografia de conclusão de curso.